

VIVENDO E APRENDENDO: IMAGENS DE UMA VIAGEM À “CAMPO”.

Petrônio Lauro Teixeira Potiguar Junior¹
Universidade do Estado do Pará -UEPA, Brasil.

RESUMO

Este texto é fruto de preparação da primeira etapa da pesquisa de campo rumo a aldeia Mapuera, na cidade de Oriximina, noroeste paraense, em 2018, para tese de doutorado, pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). A pesquisa diz respeito à concepção de saúde/doença/cura entre os homens indígenas nessa aldeia, cujas subjetividades tornaram-se chaves centrais de análise. No entanto, o foco aqui é difundir essa experiência iniciada em 2018, em um contexto indígena, por acreditar que as referências sobre metodologia e instrumentos da pesquisa, em particular, a etnografia e as imagens, mostraram que o campo se faz presente, a partir do momento em que você decide desenvolver uma pesquisa, cujo local da investigação é mais um componente nesse processo e que os preâmbulos, antes de chegar “lá”, são também partes deste campo. A escrita desse texto revela os meandros que antecedem o estar no campo, propriamente dito e como esse contexto pode se transformar em conteúdo para reflexões, em especial, para os iniciantes na pesquisa científica. E foi sob essa perspectiva que resolvi apresentar ao leitor essa experiência, que contribuiu para os campos posteriores a pesquisa em si, que se deu de janeiro a maio de 2020 e que, se não fosse as experiências vividas nos antecedentes para chegar na aldeia Mapuera, em 2018, não teria tanto êxito, como ocorrera em 2020 e 2021 (via watzap), momentos finais da pesquisa de campo. Nesse contexto, as narrações, imagens, anotações no caderno de campo e, fundamentalmente, os ouvidos e olhares treinados, foram importantes nesse processo e que deram base para essa produção acadêmica, direcionada aos alunos de graduação e mestrado, cuja iniciação científica é presente. Por fim, a intenção aqui é levar os neófitos da pesquisa científica à compreender que os antecedentes à chegada ao campo de pesquisa, as vezes, considerados “não importantes”, podem passar despercebidos sem um tratamento adequado para a composição e preparo de pesquisas e que, se não for tratado com cautelas, podem provocar entraves em suas futuras investidas ao campo de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa de Campo; Povos Indígenas e Imagens.

- PREÂMBULOS DA VIAGEM.

Resolvi socializar essa experiência por mim vivida em 2018, fruto de uma primeira viagem à campo, componente de pesquisa da tese de doutorado no PPGSA/UFPA, cujo exercício em buscar memórias dela, quatro anos depois, foi uma constante até chegar a produção desse texto.

¹Trabalho apresentado no 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizado entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Nessa viagem, as imagens são portadoras de potencial textual, pela função de tornar estático algo que está em movimento, sujeito a transformações e a um devir constante, mas produzindo conteúdo pelas lembranças acionadas (DA ROCHA&ECKERT,2001; LEITE,1997 e KOSSOY,2007).

O “campo” apresentado aqui , não diz respeito ao local da pesquisa, a aldeia Mapuera, mas os acontecimentos ocorridos antes da chegada “lá”, durante os dez dias que se tornaram pilares de pesquisas futuras *in lócus* e composição textual da tese, agora já defendida. Acredito que o campo já se faz presente a partir da escolha do tema, agentes sociais e espaço de sua investigação e pelas experiências que antecede o campo propriamente dito e revelados aqui em imagens e texto.

Em meu planejamento na primeira ida a campo, a permanência era de apenas um dia na cidade de Santarém e dois dias em Oriximiná, e que foram alterados para três e sete dias respectivamente². Esses momentos tornaram-se importantes, por demonstrar as idiosincrasias antes da chegar a Mapuera.

Socializar essa experiência se faz necessário, para mostrar como o cenário antes da pesquisa propriamente dita passa a fazer parte da composição da investigação. A intenção é mostrar os antecedentes do campo da dita pesquisa de doutorado e que devem ser considerados em um estudo antropológico. Sua base está na etnografia, cujo olhar refinado e sistematizado pelas leituras e expressas pelas imagens. (SEGGER:1980 e CARDOSO,2000).

Com uma câmera Nikon Coolpix B500 na mão, destreza em manuseá-la e o mínimo de sensibilidade, foram elementos para registrar os acontecimentos, conforme iam ocorrendo. Tais registros busca fazer os receptores deste texto se aproximarem dos lugares e das pessoas, por meio da escrita e das imagens ora reveladas.

Procurei seguir a cronologia dos acontecimentos para tentar “refazer” o caminho de Belém até a chegada na Mapuera, objetivando “prender” a atenção do leitor somente para esse momento da pesquisa³.

No primeiro momento do texto, trarei uma discussão teórica inicial sobre o papel da fotografia/imagem enquanto ferramenta para pesquisa antropológica. No segunda e

² É importante registrar que todo planejamento é passível de mudanças, considerando as particularidades dos locais, das pessoas e o tempo diferenciado que circula nos espaços, em especial, quando se opta por temática de pesquisa envolvendo os povos indígenas.

³ Faço questão de dizer que não sou profissional da fotografia, apesar da vontade de sê-lo, mas tive sensibilidade para perceber momentos que não deviam escapar ao olhar e o ouvir aguçados de um “aprendiz de feiticheiro” na antropologia visual.

terceira partes, me dedico a viagem e os momentos que antecederam a chegada a campo. Por fim, as considerações atemporais, compreendendo que fenômenos e fatos são passageiros, mas ficam na memória e precisam ser registrados a todo momento.

- UMA “VIAGEM” TEÓRICA INICIAL: AS IMAGENS COMO FERRAMENTA NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA.

A fotografia não é apenas um instrumento ilustrativo. É necessário compreender essa técnica como imprescindível para uma pesquisa na antropologia (LEITE,1997; GODOLPHIM, 1995). Desde o século XIX ao XX, as fotografias imortalizaram momentos que “falavam” das realidades pesquisadas, permitindo a ordenação e compreensão de dados, bem como, seu registro.

Bronislaw Malinowski que, entre os Trombianteses, deixou um legado imagético incomensurável mostrando a imagem como uma das ferramentas fundamentais da pesquisa etnográfica. (GODOLPHIM,1995; SAMAIN,1995; CAMPOS,2016 e ANDRADE,2002). Considero que a imagem estática possui uma força pulsante, pois, diferente dos desenhos e iconografias do século XIX no Brasil, vastamente usadas por viajantes, possibilitavam o falseamento da realidade. Mas a fotografia nos remete aos fatos observados, mesmo que a partir dos olhos de seu autor, ficam também expostas à avaliações dos receptores que podem ser variadas. (SAMAIN,1995; CAMPOS,1996; KOSSOY,2001, ANDRADE, 2002).

Através das imagens, busco não exotizar os indígenas aos moldes dos viajantes dos séculos XVII até XIX na Europa e de algumas missões desenvolvidas no Brasil no século XX, como a de Marechal Rondon⁴ (CAMPOS,1996; TACCA,1998; ANDRADE,2002) mas revelar que elas possuem expressões, símbolos e significados, numa aproximação de realidades nuas e cruas.

A imagem estática não é só uma forma de “roubar almas”⁵, mas busca imortalizar momentos, mesmo que as interpretações várias sejam práticas constantes de quem

⁴ Considerando seu papel institucional, de promotor da boa imagem do Estado e de um índio “selvagem” pacificado e assimilado, não pode-se negar o pioneirismo de Rondon e sua equipe, no uso da fotografia e do cinema, mesmo que para marketing institucional. Fotografias e filmes de Rondon estão disponíveis em vários meios de comunicação para uma análise sob o viés da antropologia visual. (TACCA,1998)

⁵ Em meio a sua história, a fotografia surge no século XVIII provocando debates entre intelectuais, artistas, em especial os pintores e até o clero. Para os intelectuais ela seria uma auxiliar da ciência; para os artistas, ela tornou-se um meio de popularizar a imagem estática, colocando a pintura em um lugar secundário na preferência do público, em grande parte, a burguesia. Por outro lado a igreja, teceu opiniões que tratava a fotografia com um meio de fixar a realidade nas imagens, sendo tal ação reprovada por Deus, “...pois o homem foi feito de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano (FREUND,1974, p.67 apud ANDRADE: 2002, p. 47) divulgando a fotografia e seu conseqüente,

registra, de quem é registrado, de quem vê a fotografia/imagem. Quanto a você leitor, a escrita e a imagem como no caso aqui vivenciado, serão ferramentas explicativas para colocá-los mais próximo da realidade, via intertextualidade, mas seguindo parâmetros, tais como: não sirva para manipular; não criar realidades paralelas que se diferem do realmente observado e, fundamentalmente, autorizadas pelos que foram fotografados (GODOLPHIM,1995; SAMAIN,1995;LEITE,1997; ANDRADE:2002).

A imagem estática, como ferramenta da pesquisa na antropologia no Brasil, toma dimensão decisiva na compreensão das pessoas e lugares. E sob esse prisma, a antropologia visual vem conquistando espaço, aliás, merecido, dentro da pesquisa antropológica. (SAMAIN,1995; CAMPOS,1996; ANDRADE,2002)

A imagem ganha dimensão explicativa e analítica, na busca de auxiliar e incentivar a compreensão dos leitores. Isso ocorreu e ocorre devido a consistência que ela dá ao texto teórico, escrevendo e mostrando os fatos, cuja base se apoia na observação participante e nos registros do caderno de campo. (CAMPOS,1996; TACCA, 1998; OLIVEIRA,2000; LEITE,1997 e GOLDOLPHIM,1995).

Vivenciar e apreender parte da realidade dos indígenas fora da aldeia Mapuera, possibilitou momentos que me revelavam, por meio de informações e contatos com alguns indígenas que circulam pelas cidades de Santarém e Oriximina, me preveniram sobre as dificuldades e facilidades que eu poderia me deparar, referente a comunicação e apreensão da realidade, aqui mostradas via fotos.

Metodologicamente, as imagens não podem ser compreendidas como a realidade nua e crua, mas uma aproximação dela, mostrando sua importância antes, durante e após a chegada ao campo. Elas revelaram como os momentos, sejam eles quais forem, podem ser captados e registrados, pois, ajudam a materializar descrições e compreensões de fenômenos ocorridos no “pré campo”.

Pelas argumentações acima é que pretendo me voltar aos iniciantes na pesquisa, como eu, mostrando que os momentos antes do campo são contextos a serem valorizados, levando em conta que os registros de imagens rememoram fatos e outros senões, tornando-se fundamentais por trazerem esclarecimentos antes da campo em si, levando o neófito na pesquisa a perceber fatos e pessoas que podem influenciar positiva ou

a imagem, como algo produzido por uma “máquina de roubar almas”, devendo, no entanto, ser evitada. É com base nessas premissas que muitos povos “primitivos” evitavam ser fotografados por pesquisadores pelo temor de ter sua alma roubada. Hoje em dia, não só entre os “primitivos” esse temor existe pelo medo de terem sua realidade roubada, manipulada, distorcida por jornalistas, pesquisadores e pelas self,s. “descomprometidas. Mas tal debate é uma discussão instigante que requer um texto específico para isso.

negativamente nas investidas posteriores no campo. A intertextualidade – imagem e escrita - é um dos caminhos para reflexão de fatos e pessoas, visando à formulação de conteúdo da e na pesquisa. (LEITE,1997; GODOLPHIM,1995)

A imagem é o que é, apesar de interpretações variadas, já que quem foi registrado, quem registra e quem vê o registro, possui dimensões diferenciadas sobre ela, congelada no espaço e tempo. Mas por meio de minha intervenção, procurarei mediar, junto ao leitor, pela narração dos fatos de como eles foram vivenciados, sempre com imagens ao lado da escrita. Vamos a elas!

- O INÍCIO DA VIAGEM: DE BELÉM PARA SANTARÉM ATÉ ORIXIMINÁ.

O início dessa experiência se dá desde a saída da capital do Pará, Belém, via área, durante cinquenta minutos de voo até a cidade de Santarém. Deste último local para Oriximiná, o acesso é pelo transporte hidroviário, perfazendo um tempo de quatro horas.

Os momentos em que vivi nessas cidades até o percurso para Aldeia Mapuera foram demarcados por conversas com meu interlocutor⁶ e alguns indígenas, bem como, registros de imagens. Além disso, as observações e conversas informais me antecipavam sobre facilidades e dificuldades que eu poderia vir a ter em Mapuera.

No primeiro dia, em Santarém, comprei materiais para a pesquisa de campo, como pilhas, papéis, cópias de documentos, textos e alimentos. Também acionei contatos que me orientassem os encaminhamentos na busca de “caronas”⁷ para o deslocamento de Oriximiná -aldeia Mapuera, via Bi-motor. Sem esta carona, o deslocamento era de barco, que faz linha de Oriximiná-Cachoeira Porteira, às sextas e terças-feiras, às 17 hs. Tal trajeto dura 18 hs. chegando, às 10 hs. em Cachoeira Porteira do dia seguinte⁸.

No segundo dia, procurei adquirir a passagem para Oriximiná e fui em busca de contatos na Casa de Saúde Indígena -CASAI, em Santarém e localizar alguns indígenas que estudam na Universidade Federal do Oeste Paraense-UFOPA. Na CASAI-Santarém,

⁶ Essa condição se dá, pois, além de ser professor concursado de Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná- SEMED com atuação na Aldeia Mapuera há mais de quatorze anos, o mesmo tem o domínio da língua Wai Wai, sendo fundamental para os diálogos em Mapuera durante todo o processo da pesquisa.

⁷ A “carona” de Oriximiná para a Aldeia Mapuera ocorre em um avião Bi-motor. Para tal carona, é necessário saber o momento da troca de equipe de saúde que estão na aldeia. Nesse contexto se verifica se passageiros extras que estão na aldeia vão ser levado para Oriximiná para tratamento de doença. Caso isso não ocorra, há vacância de lugar no avião sendo possível o pesquisador embarcar nesse referido transporte para Mapuera.

⁸ De Cachoeira Porteira-Aldeia Mapuera, me desloquei de lancha ou canoa a motor com aproximadamente 24 horas de viagem, com paradas em aldeias para pernoitar. Esse transporte já é articulado desde de Oriximiná, por meio de radiocomunicador ou celular que contata alguém que irá realizar o trajeto de Mapuera-Cachoeira Porteira no dia de minha chegada nesse último local. Assim, o proprietário da lancha/canoa a motor me espera no porto de Cachoeira Porteira e com devidos acertos – pagamentos em litros de gasolina – o deslocamento ocorre.

me orientaram a procurar o coordenador da CASAI-Oriximiná, para informações sobre a Mapuera. Os alunos da UFOPA articularam com o diretor de ensino indígena na Secretaria de Educação-SEMED-Oriximiná⁹ para informes sobre a viagem para Mapuera.

No terceiro dia, as seis da manhã, em Santarém, fui ao porto da cidade embarcando em uma lancha com destino a Oriximiná. No trajeto desta viagem, passei por pequenas comunidades e tive contatos com pessoas que moram e trabalham na Aldeia Mapuera. Eles foram imprescindíveis para que essa experiência começasse a tomar corpo, com informações ricas sobre a cidade de Oriximiná e o deslocamento para a Mapuera. Pude presenciar o cenário o qual se desenhava nesse caminho pelo rio, onde a cidade de Óbidos foi a primeira parada, conforme figura 1, revelando a potência das imagens. (SEGGGER:1980; CAMPOS,1996; TACCA, 1998; OLIVEIRA,2000; LEITE,1997 e GOLDOLPHIM,1995).



Figura 1: Passagem pela cidade de Óbidos, para alcançar Oriximiná
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

A sorte e o encontro com pessoas, fruto de sete anos como professor da Universidade do Estado do Pará-UEPA/Santarém, me fizeram ter acesso a informes sobre a aldeia. Alguns desses indígenas faziam parte do corpo discente UEPA, equanto alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, oferecido pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR.

Os informes me colocavam a par dos conflitos e tensões que ocorrem na Mapuera, envolvendo debates religiosos e políticos. Uma informante me chamou atenção para várias questões: da necessidade de providenciar logo meu trajeto para Oriximiná -

⁹ Ele é responsável pelo ensino indígena na SEMED/Oriximiná e é uma das liderança da Aldeia Mapuera. É um importante contato, pois é através dele que pode ser articulado as “caronas” eventuais.

Cachoeira Porteira - Mapuera, assim que chegasse na primeira cidade e dos perigos das correntezas no rio Mapuera.

Durante a viagem até Oriximiná, meu interlocutor que estava na cidade de destino, por mensagens via WhatsApp, dizia que iria “subir”¹⁰ o rio comigo até Cachoeira Porteira e depois para a Aldeia Mapuera. Isso me deu mais tranquilidade e motivação, já que não iria fazer uma viagem pelo desconhecido sozinho, mas sim, com alguém que conhecesse a área. E a viagem continua até a chegada em Oriximiná conforme figura 2.



Figura 2: Chegada ao Porto de Oriximiná
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Em Oriximiná, comecei a dinamizar as redes de contatos, envolvendo professores, enfermeiros que trabalham ou já trabalharam na Mapuera e ex-alunos do PARFOR/UEPA. Um indígena que estava em Oriximiná e que é proprietário de um canoa/lancha se insere nessa teia. Como isso ocorreu? Uma ex-aluna, hoje enfermeira e na época da pesquisa, prestava serviço em Mapuera, articulou com a família desse indígena que se encontrava na aldeia, uma carona de Cachoeira Porteira-Mapuera, quando oriundo de Oriximiná.

Pedi alguns direcionamentos sobre as “*subidas*” e “*descidas*” do rio de Oriximiná-Cachoeira Porteira-Mapuera. Fui orientado a comprar trinta litros de gasolina¹¹ e “óleo três tempos”, produto que misturado à gasolina, que ajuda na economia desse combustível, quando inserido no motor da canoa/lancha.

¹⁰ “Subir” o rio é o termo usado por todos os que viagem Oriximiná-Cachoeira Porteira-Aldeia Mapuera. “Descer” o rio, se refere ao percurso de volta da Aldeia Mapuera-Cachoeira Porteira-Oriximiná.

¹¹ A compra de gasolina é necessária para que o trajeto ocorra de forma a abastecer lanchas ou canoas que realizam a viagem Cachoeira Porteira- Aldeia Mapuera. Foi ressaltado que sempre haverá gastos extras com gasolina e óleo diesel. Esse último produto é para fornecer uma estrutura mínima no local da pesquisa, pois alimenta o motor que fornece energia no local onde iria me instalar.



Figura 3: Comprando combustível, em Oriximiná, com o meu interlocutor (blusa vermelha) e proprietário da canoa/lancha (blusa verde) que fez o deslocamento Cachoeira Porteira-Mapuera

Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Na compra de materiais de limpeza, alimentação e higiene, fui alertado pelo meu interlocutor a ser prudente e adquirir bombons e bolachas para serem usados como “*moeda de troca*” junto as crianças que viessem a carregar nossas bagagens no momento da chegada em Mapuera. Comprar linha de pesca e pilhas, óleo para cozinhar e enlatados, serviriam de troca por alimentos, frutas, peixe e caças com indígenas em Mapuera.

Em Oriximiná, encontrei o cacique geral da Mapuera e alunos do PARFOR/UEPA, que me informaram da saída de um barco de Oriximiná para Cachoeira Porteira, mas que era necessário “*correr com as compras*”, para não perder a viagem naquele mesmo dia. Ponderei que o sensato seria realizar o deslocamento conforme já planejado¹², devido ao perigo e as condições precárias dos barcos revelado na figura 5.

¹² Minha chegada em Oriximiná, fora numa Quinta feira. Na Sexta feira, as 10 da manhã, sairia um barco para Cachoeira Porteira. Devido o avançar da hora, já final da tarde de quinta-feira, ficaria muito corrido o tempo para arrumar todas as bagagens e materiais para esse deslocamento. Assim, optou-se por esperar a terça seguinte para proceder com a viagem.



Figura 5 : Lotação esgotada do barco de Oriximiná para Cachoeira Porteira
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Os barcos que fazem transporte nessa região, têm lotação esgotada, no deslocamento dos indígenas da Mapuera que estão em Oriximiná para receberem seus salários, realizarem consultas médicas, compras de mantimentos para alimentação.

Outra questão que chamou atenção, foi o número de galões de gasolina e óleo diesel nos barcos. Não é difícil encontrar passageiros fumando e bebendo ao lado desses produtos inflamáveis, acarretando perigo para quem está embarcando, em Oriximiná¹³. Aqui, reforço a importância do instrumento imagético que não deixaram passar despercebidos tais questões e que servem de auxílio aos pesquisadores que por essa área desejem estudar, mostrando que o dito popular, as vezes questionável, é válido nesse contexto: “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Nesse contexto, me foi oferecida uma “carona” de Bimotor para Mapuera. A quem me ofereceu a carona, ressaltai a necessidade de conhecer o caminho trilhado rotineiramente pelos indígenas de Oriximiná-Cachoeira Porteira-Aldeia Mapuera e vice-versa para perceber um dos contextos por eles vivido mensalmente.

Procurei formas de “*não perder tempo*”. Articulei entrevistas com professores e enfermeiros que atuavam na Mapuera, para que eu pudesse compreender o contexto local sobre saúde. Consegui realizar quatro entrevistas com informações riquíssima, que iriam servir para a composição da tese em si. Aqui, um recado ao leitor: as vezes, os imprevistos

¹³ O comentário acima é tão verdade que, em Dezembro de 2020, uma embarcação similar a que eu viajava, explodiu no Porto de Oriximiná, justamente pela presença desses produtos no barco sem um mínimo de fiscalização das autoridades locais. Nesse incidente não houve vítima, mas todos os materiais que já estavam embarcados tiveram perda total.

na pesquisa são momentos importantes para coletar informações, fortificar laços, rever seu planejamento e mostrar que em qualquer situação não se perde tempo em pesquisa, em especial quando fazemos registros de imagens, a princípio desconectados e, supostamente, sem importância, mas que tornam-se potências para produções intertextuais. (DA ROCHA&ECKERT,2001; LEITE,1997 e KOSSOY,2007).

Dentre os contatos que fiz em Oriximiná, um bem significativo foi a Coordenação CASAI- Oriximiná, que já tinha sido meu ex-aluno, em Santarém. Ele me explicou que a recepção de indígenas nesse local é tão somente para acolhê-los antes de seu encaminhamento para hospitais de referência em casos mais graves de doença.

Quando em tratamento grave de saúde e por conta da postura dos indígenas de não se separarem da família nuclear, dificultando, segundo os indígenas e alguns profissionais de saúde local, a recepção/acomodação, pela estrutura frágil das instituições pelos quais são recebidos, em particular, as CASAI.

Foi esclarecido que a recepção na CASAI-Oriximiná é mais de mulheres indígenas, por conta do preventivo de saúde, que é periódico, bem como, alto índice de gravidez. Quanto aos homens, a maioria seus tratamentos ocorrem por complicações corporais, causadas pelas atividades de caça, na roça e na pesca. A pressão alta e diabetes, fruto de uma alimentação incorreta, são doenças presentes entre os homens indígenas em Mapuera. Não foi permitido registrar imagens da área interna da CASAI

A não permissão de imagens internas da CASAI-Oriximiná foi por ser ela alvo de denúncias dos movimentos indígenas na época da pesquisa, referentes ao mal atendimento e condições precárias de instalações, que se revelaram em minhas observações onde lonas armadas na área externa da CASAI abrigavam indígenas oriundos dessa região para tratamento em Oriximiná. Detectei as mesmas denúncias no texto de Castro e Simonian (2019)¹⁴, cujo trabalho de campo fora realizado em 2015 a 2018.

Para conhecer mais a cidade de Oriximiná, adotei o método de passear todas as manhãs e tardes, dos setes dias que lá fiquei. Foi possível encontrar jovens indígenas na praça, que, em alguns casos, estudam na cidade e no final do semestre retornam para as

¹⁴ No período deste “campo” fiz uma busca nos sites de notícias internet (G1 globo.com (07/06/2014) e Uol) e, de fato, o local foi alvo de críticas diversas e, inclusive, listava em uma das piores CASAI, s do Brasil, segundo a Associação dos Povos Indígenas do Brasil- APIB. Após essa denúncia e 15 anos de atendimento precário, em novembro de 2018, esse local passou a atender os indígenas dessa região em um prédio alugado para aguardar a construção de uma nova sede, segundo o Ministério da Saúde/MS.

aldeias. A maioria deles se reúnem na praça central, para ter acesso ao sinal de internet, que é gratuito.



Figura 6: Jovens indígenas acessando internet na praça central da cidade de Oriximiná.
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Nos finais de semana, eles se articulam para estarem em festas e bares, conforme observações e alguns diálogos com alguns deles. No geral, eles se hospedam na CASAI ou casa de parentes. Esta em Oriximiná é para dar continuidade aos estudos; em busca de trabalho e retirar benefícios como aposentadoria ou bolsa família de seus pais e avós.

Após essa estada em Oriximiná, foram realizadas todas as providências para o deslocamento de Oriximiná-Cachoeira Porteira e Mapuera, cujas experiências foram riquíssimas, já que meus ouvidos e olhares estavam atentos a tudo e a todos, materializados nas imagens até aqui reveladas, mas sem perder a noção de que também estava sendo observado. Vamos a essa viagem!

- NO MEIO DA VIAGEM: DE ORIXIMINÁ-CACHOEIRA PORTEIRA: A “RUA” DE ACESSO ALDEIA MAPUERA

O trajeto de Oriximina-Cachoeira-Porteira-Aldeia Mapuera se inicia pelo rio Nhamundá Mapuera. O trajeto até Cachoeira Porteira se inicia as dezessete horas. Armei a rede no meio “*da confusão*”, isto é, próximo a escada do andar de cima, local em que as pessoas acessavam o andar de baixo do barco, onde se localizavam a cozinha e os banheiros. Tentei registrar imagens, mas sempre tomando o cuidado de não ser invasivo, pois o olhar de desconfiança de alguns passageiros, observado por mim, pelas lentes de minha máquina, era constante.

O registro de imagens sempre era permitido pelos indígenas, desde que mostrasse a foto captada. Em certo momento, cessava com os registros para ficar observando o cenário no barco “*Juruna IV*”, mas com a clareza de estar sendo observado pelas lentes dos olhos dos indígenas.

A lotação máxima do barco nesta viagem se dava pela realização do Congresso Missionário da Igreja Evangélica, que iria ocorrer na aldeia Mapuera, em julho/2018. Isso confirmava de que o grupo indígena no qual iria conviver e pesquisar, historicamente, já tinha sido evangelizado pela MEVA¹⁵.

Dando um volta no espaço interno do “*Juruna IV*”, redes coloridas faziam das imagens um espetáculo à parte, demonstrado na figura 7, em seguida, que revela um momento, a hora do lanche, antes do jantar.



Figura 7: Registro interno do barco “*Jurunas IV*” no momento da viagem à Cachoeira Porteira.

Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Ainda no espaço interno do barco, faziam parte deste cenário malas, mercadorias em geral, como galotes de gasolina, óleo diesel, caixas de isopor com alimentos, gelos e bebidas, menos as alcoólicas, já que tal produto é proibido dentro da Aldeia Mapuera.

Com o passar do tempo, alguém grita: “*O jantar já está pronto, quem quiser pode descer e traz seus pratos, pois temos poucos aqui no barco*”. Já se fazia dezenove horas quando se iniciou uma correria dos passageiros com pratos de plástico, cuias ou qualquer material em mãos para receber o jantar¹⁶. A cozinha ficava próxima aos banheiros e, em ambos, uma fila se formava: uma para guardar a vez no banho e outra para obter o jantar.

¹⁵ Missão Evangelica da Amazônia –MEVA.

¹⁶ A refeição e o café da manhã, fazem parte do pacote de 35 reais pago pela passagem de Oriximiná até Cachoeira Porteira

Duas horas depois, as pessoas começaram a se acomodar em suas redes para dormir, já que a viagem era longa, até as dez horas do dia seguinte.

Para realizar o trajeto até o banheiro, todos obrigatoriamente, deveriam passar por debaixo das redes que estavam armadas o que provocava inquietudes e uma noite mal dormida. À 5 horas da manhã, decidi tomar banho e me preparar para o restante da viagem. Às seis horas encontrei um pastor da MEVA e o indaguei: “*O sr acha que existe Pajé nessa região para cuidar dos doentes nas aldeias?*” Sem titubear, ele retruca “*Não, não, depois da palavra de Deus, somente os remédios curam. Isso de pajé, xamã e outras coisas, como usar planta medicinal, não existe mais.*”

O questionamento feito ao pastor fora provocativo, para comparar ao que tinha lido e ouvido dos professores, enfermeiros na Mapuera sobre a missão evangélica em naquele local, desde os anos 1950 e que perdura até a atualidade. Aqui, chamo atenção de uma questão: sempre que possível, antes do campo, caso possua oportunidades de lançar questões a alguns agentes sociais, ligados a sua pesquisa, mesmo que de maneira informal e “descomprometida”, faça-o; e se possível, registre em imagens de pessoas e lugares, desde que autorizadas. É uma tática viável para auxiliar nas análises após a pesquisa e que, para alguns desavisados, não tem significância alguma, descartando sua potência explicativa de pessoas, símbolos, significados e contexto cultural no espaço e no tempo (SEGGER:1980; TACCA, 1998; LEITE,1997 e GOLDOLPHIM,1995; OLIVEIRA,2000; ANDRADE:2002).

Uma lição que fica para um iniciante na pesquisa de campo por “*essas bandas*”: a região tem atraído pesquisadores – como eu - e missionários de variados estados e a desconfiança de um em relação ao outro é clara: dos pesquisadores em perceber com olhos críticos, o papel dos missionários; entre os missionários, tal desconforto, em relação ao pesquisador, também é verdadeiro. Em conversas com esses agentes, perguntas eram feitas e as respostas eram evasivas, o mesmo ocorria comigo em relação a eles.

Após a conversa com o dito pastor, a primeira refeição da manhã se inicia: um copo de café com seis bolachas. Pelas nove horas da manhã, de uma quarta-feira, um

pastor indígena convoca todos para uma oração¹⁷, pedindo um término positivo da viagem, já que estamos na “*metade do caminho*”¹⁸.

A “*oração para Deus*” começa e dura dez minutos. Para os jovens, esse evento parecia de pouca importância pelo nível de desconcentração¹⁹. Para os adultos, tal oração aparentava ter sentido valorativo, pela concentração deles. Após a oração, três horas depois, chegamos a Cachoeira Porteira, registrado no “alvorço” na chegada.



Figuras 8: Chegada do barco em Cachoeira Porteira e desembarque de passageiros.
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Mal o barco atraca no “porto” de Cachoeira Porteira e o “alvorço” está formado: Os canoeiros vindos de Mapuera e outras aldeias – 23 no tal nessa região - encostam ao lado do “*Jurunas IV*” e as pessoas já retiram suas bagagens²⁰: compras, cordas, gasolina, sacos de trigos, refrigerantes, pneus e motos. Grande parte desses produtos são transferidos para as canoas rumo a Mapuera, conforme figura 8, momento em que a pressa

¹⁷ De origem Karib, a língua Wai Wai é predominante entre estes indígenas e é justamente nela que a oração é realizada. Na atualidade, apesar do domínio da língua Wai Wai na aldeia Mapuera, encontram-se falantes da língua portuguesa (na maioria homens), mas também de outras línguas indígenas como a língua dos Xereu e alguns falantes do inglês. A maioria das mulheres são falantes do Wai Wai ou de uma outra língua indígena, dependendo de sua procedência étnica. Poucas mulheres falam português.

¹⁸ Meu interlocutor informou que as quartas-feiras, sábados e domingos são os encontros dos evangélicos nos cultos que ocorrem nas aldeias dessa região, por isso que eles fazem essa oração nesse exato momento e, mesmo que distante de seus locais de origem, é uma forma de se “*estar com Deus*” e “*perto dos parentes*”, ainda que em espaços diferentes, segundo o pastor indígena.

¹⁹ Não pude resistir a veia de pesquisador, onde as observações de fatos e pessoa deve ser uma constante. Foi pedido, pelo pastor, que todos se concentrassem para a oração. Fui traído pela desejo de “fofoca” e, sem fechar os olhos e me concentrar, observei a todos nesse instante da “*oração para Deus*”.

²⁰ A retirada das mercadorias se dá da seguinte forma: em um depósito, no barco, similar a um porão, cada um, de forma rápida, “contrata” um carregador, residente nessa região e que, no geral, ficam a espera desse “contrato” que se insere nesse local e retira os produtos de seu “*patrão*”. Isso ocorre rapidamente, até surgirem celeumas, como o roubo de carnes e outros produtos etc, segundo meu interlocutor e minhas observações no momento desse desembarque.

em descer do barco e desembar suas mercadorias era prioridade, diante de 18 horas de viagens aqui reveladas em alguns registros imagéticos.

Após o desembarque, a espera do indígena, dono da canoa/lancha, que vinha em outro barco oriundo de Oriximiná e tinha articulado nossa “carona” para Mapuera foi de, aproximadamente, uma hora. Mas sua família (dois filhos e a esposa) já estavam a nossa espera. Era só aguardar o proprietário da lancha e iniciar a viagem para Mapuera.

Damos início a nosso trajeto rumo a Aldeia Mapuera. Mas antes disso, é bom registrar as funções das pessoas dentro canoa/lancha por mim notada nessa viagem. O proprietário da canoa, de imediato, tem a função de proeiro, ou seja, o mais experiente e que fica a frente da lancha/canoa, indicando o caminho a ser trilhado pelo barqueiro/“motorista”, que manuseia o motor, localizado na traseira da canoa/lancha, conforme figura 9, o indígena de camisa branca.



Figura 9: Posição do barqueiro/motorista (de branco) dentro da canoa/Lancha
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

O barqueiro/“motorista” segue as orientações do proeiro. A função do proeiro durava até alguns períodos da viagem. Que momentos são esses? Os que oferecem mais perigo pelas cachoeiras violentas que existem durante o percurso. Após os perigos, um de seus filhos, aproximadamente doze anos, assume o lugar do pai.

Nessa viagem, qual o papel da mulher? Ela auxilia o motorista e proeiro nas passagens pela cachoeiras perigosas. Como isso ocorre? Quando o proeiro, a frente da canoa/lancha, rema com muita força para ajudar o barqueiro/motorista a ultrapassar as correntezas perigosas. Imprimindo a mesma força, a esposa do dono do canoa/lancha repete a mesma ação, contribuindo na passagem pelas correntezas. Os passageiros – eu e meu interlocutor – impulsionamos nossos corpos para frente, objetivando “empurrar” a

canoa/lancha durante a travessia que, com as remadas dos indígenas e a força do motor, passamos pelas cachoeiras perigosas²¹.

Aqui me veio em mente as discussões : O que é ser mulher? O que é atividade de mulher? O que é atividade de homem? Existe essa dicotomia nesse grupo indígena? Pelo menos na canoa, isso parece estar suspenso, em particular nos momentos mais tensos da viagem, onde a força da mulher é impressa, para que a canoa/lancha tome o rumo certo.

Relativo a criança: O que é e quando se considera o tempo de ser criança? Quando essa criança se torna adulta, mulher e homem? Em que momento isso se dá? Existem rituais para esse contexto? Será que tal criança sempre faz essa viagem, ou os pais, por não se separarem dos filhos, terminam levando-os contra sua vontade? Não sabia se esses fatores ocorriam! Só o campo futuro auxiliaria nessas perguntas e nas possíveis respostas.

As descrições aqui feitas, só foram possíveis , a partir da seleção e reflexão sobre as imagens registradas que a composição textual se materializou, bem como as imagens e as questões que me inquietaram e levaram a desenvolver minhas pesquisas. Pensar nas imagens não somente como mera ilustração é um exercício necessário para um pesquisador, que se arvora pelos estudos da antropologia, a exemplo dos povos indígenas, cuja imagens compõem os debates teóricos nessa trajetória intertextual e fundamentalmente revela testemunhos de teias de significados de espaços, tempos e pessoas. (LEITE,1997; GODOLPHIM,1995; ANDRADE:2022)

Após o detalhamento das funções dentro da canoa/lancha, iniciamos a viagem as onze da manhã. .Antes de chegar ao local de destino, passamos por cachoeiras “calmas” e “violentas”. Passou-se por várias aldeias assim denominadas: Taunã, Yawara, Paxacar, Mapium, Kwanamary, Takara, Inajá (figura 10), Paraíso, Placas e Mapuera.

²¹ Isso se repete por, aproximadamente 3 Cachoeiras assim denominadas: Kwanamari (Cachoeira da escola); Cachoeira Paraíso (Beleza) e Cachoeira da Égua (Corre muito).



Figura 10: Aldeia Inajá, no caminho da Aldeia Mapuera.
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

Nota-se que as redes de relações para realização dessa viagem são mais extensas do que eu pensava. A partir do contexto de nosso canoeiro e informações dadas por ele, que os donos das canoas/lanchas a motor já estão com trajetos certos, onde prestam serviços a ONGs e órgãos públicos, como a SEMED/ Oriximiná, transportando pessoas e produtos, como gasolina. Eles aproveitam a possibilidade de possíveis vagas na canoa/lancha, para articular uma “carona” aos interessados, como eu.

As trocas de alimentos entre meu interlocutor, os indígenas e eu foi uma constante, mesmo com a dificuldade na comunicação, causada pelo não domínio da língua Wai Wai, que ainda não compreendia, mas estava tentando entender aos poucos.

Durante o trajeto para Mapuera, encontrou-se outros canoeiros e um deles nos comunicou que o filho do dono de canoa que estávamos, apresentava problemas no motor de sua canoa/lancha. Sem nos avisar, o canoeiro manobrou a canoa e foi ao encontro de seu filho, “levando” quinze minutos de nosso tempo. Notei que ele já tinha sido auxiliado por outros indígenas/canoeiros e substituído o motor de sua canoa/lancha. Nesse momento, a mãe falava de forma incisiva com seu filho, aparentemente reprovando-o pelo ocorrido.

Meu interlocutor disse que ela estava repreendendo seu filho pela falta de responsabilidade com a manutenção do motor de seu transporte e ferramenta de trabalho no momento de efetivar viagens longas. Aqui, a linguagem do corpo foi o meio de comunicação que se tornava mais claro para eu compreender a comunicação entre eles.

Seguindo o trajeto até Mapuera, após sete horas, chegamos a aldeia Takará, onde pousamos pela noite. Lá, nos foi oferecida alimentação pelo anfitrião. Isso ocorreu mediante a doação feita por nós, de um chouriço e um feijão, que ajudou na composição de nosso jantar. Após essa refeição ocorreram conversas e dormimos pela noite toda.

Em Takará, pude perceber a sua dimensão espacial menor, comparada a Mapuera. O cacique de Takará é independente do cacique geral, que mora em Mapuera, no que diz respeito as regras estabelecidas pelo segundo, pois parecem não ter tanta influência sobre os indígenas de Takará, pela aparente autonomia para resolver problemas internos, segundo uma longa conversa com o cacique local. Questões que levam o pesquisador a aguçar o olhar nos pequenos detalhes que passam por ele, a exemplo, o conflito político ali existente e posteriormente comprovado. Assim, seguimos viagem!

No dia seguinte, as seis da manhã, eu, meu interlocutor e a família de indígena proprietária da canoa/lancha, tomamos café, agradecemos o anfitrião de Takará, pela estadia e partimos. Seguiu-se a viagem, após as correntezas violentas e calmas. Após as correntezas violentas, a viagem se tornaria enfadonha e calma. Após sete horas, a imagem da aldeia Mapuera se apresenta a nós. Bem-vindo a aldeia Mapuera!



Figura 11: Escadaria do porto na Aldeia Mapuera
Fonte: Arquivo pessoal do autor/junho/2018.

O cansaço e a pele castigada pelo sol foram compensados pelo aprendizado absorvido nesses dias de “campo”, iniciado em Belém e “terminado” com a chegada na aldeia Mapuera. Mas uma lição ficou: qualquer momento, encontro, frase, ação deve ser

registrado, pois estas informações se transformam em conteúdos e conhecimentos para quem se propõe a fazer pesquisa em grupos indígenas. Nesse contexto, a intertextualidade - imagens e palavras - são caminhos e os instrumentos a serem adotados, em especial para iniciantes e veteranos na pesquisa, como todos nós. (LEITE,1997; GODOLLPHIM,1995)

- O FIM DA VIAGEM? CONSIDERAÇÕES ATEMPORAIS

Na pesquisa etnográfica o planejamento deve ser reificado de forma a se adequar a realidade que se impõem a você. Esse aprendizado é inerente a sua vontade. A princípio, isso me aborrecia, mas sempre pensava: “*Onde está a teoria em sua prática?*” Passava a me cobrar mais sobre o pensar nos “outros”, afinal, eu estava no “*mundo deles*”, eu invadi o espaço “*deles*”- os indígenas!

Para quem trabalha e deseja pesquisar com temáticas na antropologia e antropologia visual entre os povos indígenas, o repensar o planejamento parece ser recorrente. Longo e válido o aprendizado nessa experiência, registrada e lembrada, cuja destreza e filosofia da vida indígena me fez amadurecer e chegar ao término desse momento e iniciar outro, a inserção no campo propriamente dito onde se iniciou minha pesquisa para o doutorado, ora defendido.

O registro de imagens foi o método que auxiliou a pensar em questões e na produção dessa escrita, quando da “fuga” de qualquer detalhe, recorria as imagens. Utilizei essa técnica para recuperar nos arquivos o que fora vivido “no campo” e não ser traído pela memória, que é dinâmica e está em processo de transformação.

A metodologia de escrever e, em seguida, visitar os registros fotográficos para articular a escrita e a imagem, facilitou e tem facilitado o diálogo teoria e prática, deixando a seguinte lição: a teoria, as vezes, se adequa ao campo, mas o campo nos leva a revisitar a teoria. Ainda melhor, é necessário considerar que antes da chegada do espaço da pesquisa, as experiências anteriores são válidas e devem ser registradas em imagens. Isso contribui para compreender a importância dos preâmbulos para a pesquisa.

Foi possível perceber que mesmo conhecendo há mais de dez anos os indígenas da Mapuera, notei o quão seria desafiadora a chegada e a convivência com eles, seja pela dificuldade de comunicação verbal; pela necessidade de elaborar, tecer e desenvolver estratégias para o bom termo da pesquisa de campo, que nesse período se anunciava e continuava de fevereiro à maio de 2020. Essa experiência, com certeza, tornou menos espinhosa a pesquisa em si, justamente pelo auxílio que ela me forneceu, cujos registros

das imagens – devidamente autorizadas - foram e serão imprescindíveis para essa escrita, cuja memória foi incentivada a retomar fatos que, com certeza, sofreram mutações.

Em um campo, temos sempre que apreender e aprender, afinal de contas, as subjetividades existem e é sobre elas que vivemos em constante aprendizado. Não adianta ansiedade para observar o que você deseja ver. A “pressa é inimiga da perfeição”, já que seu tempo é um detalhe a ser superado, afinal, seu momento e o do “outro” se diferenciam. Escrever e pensar são válidos, a partir do momento em que você saia de sua zona de conforto e considere os “imprevistos” válidos antes, durante e depois do campo. E é nesse “jogo de xadrez” que a imagem se situa pela intertextualidade te levam a lembrar e (re) significar pensamentos, posturas e valorizar cada gesto e palavra que, se bem compreendidas, produzem conteúdo por estar em voltas com símbolos, significados, materializadas pela produção cultural em um tempo e espaço vivido.

- BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia**. Olhares fora-dentro.- São Paulo; Estação liberdade; EDUCA,2002.

CAMPOS, Sandra Maria C. T. Lacerda. A imagem como método de pesquisa antropológica:um ensaio de antropologia visual. **In: Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Sao Paulo, 6 : 275-286, 1996.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O olhar, o ouvir e o escrever. **In: O trabalho do antropólogo**. Brasília, Paralelo 15. São Paulo. Editora UNESP. 2000.

DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornélia. Imagens do tempo no meandros da memória.**In:KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org). Imagem e memória**. Ensaio de antropologia visual.- Rio de Janeiro. Editora Garamond. 2001 (p. 19-40).

CASTRO, Nádile Juliane Costa de e SIMONIAN, Ligia Terezinha. Estrutura dos Serviços de Atenção Básica à saúde: pólo Indígena de Oriximiná-Pa, Brasil . **In: AMAZONIA INVESTIGA**. Vol. 8, Num. 18/Enero-febrero 2019.

GOLDOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **In: Horizontes Antropológicos** , Porto Alegre, Ano. 1, Nº 2. Jul/set. 1995 (p161-185)

KOSSOY Boris. **Os tempos da fotografia**. O efêmero e o perpetuo Ateliê Editorial. 2007 (Cap. 3 –Imagens e memória).

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. O espaço e a transparência do texto visual **in: ECKERT, Cornélia e MONTE-MOR, Patricia**. Imagens em Foco. **Novas perspectivas em Antropologia**. UFRGS. 1997.

SEEGER, Anthony. **Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras.** Rio de Janeiro: Campus, 1980 (Contribuição em Ciências Sociais, 6).

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: ECKERT, Cornélia e GODOLPHIN. **Horizontes antropológicos Antropologia Visual.** UFRS.1995 (p. 18-37).

TACCA, Fernando de, O índio “pacificado”: uma construção imagética da Comissão Rondon. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem.** Rio de Janeiro, 6 (1): 81-101, 1998.